

EMANCIPAÇÃO NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA: MOVIMENTO DAS MULHERES DA FLONA DE TEFÉ – AMAZONAS

EMANCIPATION IN THE HEART OF THE AMAZON: WOMEN'S MOVEMENT OF THE FOREST OF TEFÉ - AMAZONAS

EMANCIPACIÓN EN EL CORAZÓN DE LA AMAZONÍA: MOVIMIENTO DE LAS MUJERES DE LA FLONA DE TEFÉ – AMAZONAS

Marcela da Silva Barbosa*

Rita de Cássia Fraga Machado**

Hemily Pastanas Marinho***

Zila Silva de Castro****

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada na Floresta Nacional de Tefé – FLONA. Que tem como objetivo tratar da questão do processo de organização das mulheres da FLONA Tefé – Amazonas, por meio de pesquisas bibliográficas e trabalho de campo, evidenciamos que as mulheres da Flona têm uma trajetória ímpar, marcada por lutas e retrocessos, por conquistas e vitórias que são fruto da resistência contra um sistema injusto e opressor, bem como pela persistência em batalhar por uma vida digna para todos os povos que vivem em meio às florestas e águas. Por meio das pesquisas verificou-se que, em muitas comunidades daquela unidade de conservação, as mulheres de fato viviam em uma situação de violência, exclusão e subjugação. A mentalidade patriarcal e machista impôs àquelas mulheres que seu lugar social seria o âmbito do privado, ou seja, os cuidados do lar, da roça e da família. Neste sentido, este trabalho vai em retomada a visibilidade destas mulheres, que por muito tempo foram apagadas das histórias da organização de suas comunidades, de suas famílias e de suas próprias vidas, e para elas e por elas a organização foi a saída para emancipação.

Palavras-chave: Mulheres da Floresta. Emancipação feminina. Organização comunitária.

*Mestre, Universidade do Estado do Amazonas UEA/PPGED, Tefé, Amazonas, Brasil, E-mail: miguel261016@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7590-017X>

**Doutora, Universidade do Estado do Amazonas UEA/PPGED, Tefé, Amazonas, Brasil, E-mail: rmachado@uea.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7385-3771>

*** Mestranda, Universidade do Estado do Amazonas UEA/PPGED, Tefé, Amazonas, Brasil, E-mail: Hemilypmt@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4118-9013>

**** Mestranda, Universidade do Estado do Amazonas UEA/PPGED, Tefé, Amazonas, Brasil, E-mail: zsc8626@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9597-5880>



ABSTRACT

This work is an excerpt from a master's degree research carried out in the Tefé National Forest – FLONA. Who aims to address the issue of the women's organization process at FLONA Tefé – Amazonas, through bibliographical research and field work, we evidence that the women of Flona have a unique trajectory, marked by struggles and setbacks, by achievements and victories which are the result of resistance against an unjust and oppressive system, as well as persistence in fighting for a dignified life for all people who live in the midst of forests and waters. Through research, it is verified that, in many communities in that unit of conservation, women actually lived in a situation of violence, exclusion and subjugation. The patriarchal and sexist mentality imposed on those women that their social place would be the private sphere, that is, the care of the home, the farm and the family. In this sense, this work restores the visibility of these women, who for a long time have been erased from the stories of the organization of their communities, their families and their own lives, and to them and for their well-being the organization was the way out to the emancipation.

Keywords: Women of the Forest. Female emancipation. Community organization.

RESUMEN

Este trabajo es un extracto de una investigación de maestría realizada en la Floresta Nacional de Tefé – FLONA. El objetivo es abordar el proceso de organización de las mujeres de la FLONA Tefé – Amazonas, a través de investigaciones bibliográficas y trabajo de campo, evidenciamos que las mujeres de la FLONA tienen una trayectoria única, marcada por luchas y retrocesos, por conquistas y victorias que son fruto de la resistencia contra un sistema injusto y opresivo, así como por la persistencia en luchar por una vida digna para todos los pueblos que viven en medio de las selvas y aguas. A través de las investigaciones se verificó que, en muchas comunidades de esa unidad de conservación, las mujeres realmente vivían en una situación de violencia, exclusión y subordinación. La mentalidad patriarcal y machista impuso a esas mujeres que su lugar social sería el ámbito privado, es decir, los cuidados del hogar, la roza y la familia. En este sentido, este trabajo busca recuperar la visibilidad de estas mujeres, que durante mucho tiempo fueron borradas de las historias de la organización de sus comunidades, de sus familias y de sus propias vidas, y para ellas y por ellas la organización fue la salida hacia la emancipación.

Palabras clave: Mujeres de la Selva. Emancipación femenina. Organización comunitaria.

1 INTRODUÇÃO

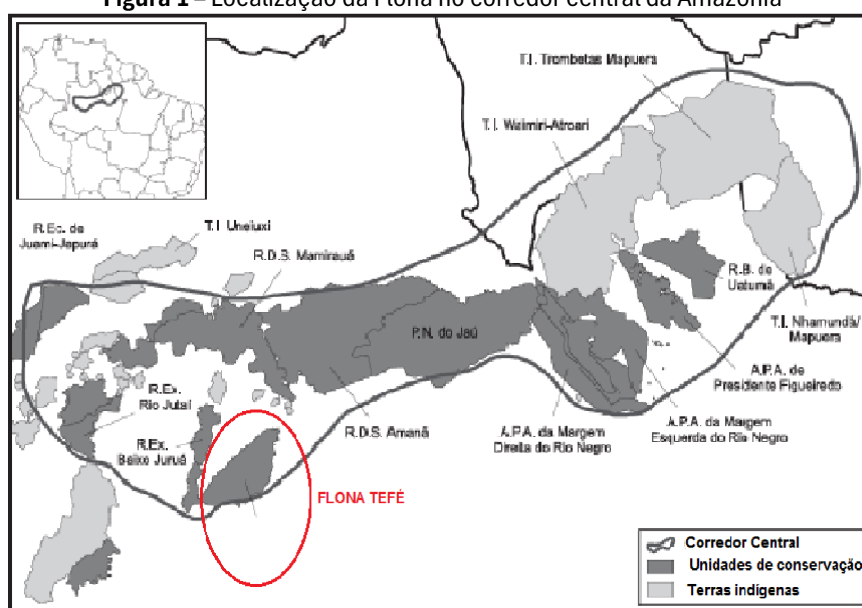
“Eu desejo que mulheres se unam mais, as pessoas que vivem mais unidas, são as pessoas que ganham, em termo de saúde, em termo de tudo.” (Dona Ezimar, comunidade São Francisco do Bauana)

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado realizado na Floresta Nacional de Tefé – FLONA. Quem tem como objetivo tratar da questão do processo de organização das mulheres da FLONA, evidenciamos que as mulheres da Flona têm uma trajetória ímpar, marcada

por lutas e retrocessos, por conquistas e vitórias que são fruto da resistência contra um sistema injusto e opressor, bem como pela persistência em batalhar por uma vida digna para todos os povos que vivem em meio às florestas e águas.

Quando situamos geograficamente a Floresta Nacional de Tefé, registramos que se trata de uma Unidade de Conservação (UC), localizada no município de Tefé, região do Médio Solimões, estado do Amazonas. A Flona é constituída por 30 comunidades caracterizadas por uma rica sociobiodiversidade, típicas das comunidades amazonenses, conforme constata Machado (2018b, p. 17). “Conta com uma diversidade de povos com saberes, habilidades, costumes e valores próprios, o que torna a região um espaço de forte presença agroextrativista e indígena, com populações cujas diversidades cultural, social e étnica se apresentam claramente”.

Figura 1 – Localização da Flona no corredor central da Amazônia



Fonte: Geoprocessamento IDSMM (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá).

Essas comunidades, apesar de cultivarem uma cultura da afetividade tanto entre os seres humanos quanto com o meio natural, sofrem influências diretas da globalização e de sua cultura, aquela de viés negativa e destrutiva. A mentalidade patriarcal e machista que historicamente produziu no Brasil a violência simbólica que desemboca posteriormente na violência física que se efetiva na morte das mulheres também está presente nas comunidades ribeirinhas na Amazônia.



Tal mentalidade patriarcal e machista inferioriza e subalterniza as mulheres, relegando-as a um papel secundário e sem importância no ambiente comunitário, conforme constatou Machado (2018a, p. 24):

Ao longo dos encontros, fomos observando como o patriarcado e o machismo comunitário ali existente têm predominado fortemente, mesmo com o trabalho de formação realizado. As mulheres passam mais tempo cuidando dos filhos e fazendo os trabalhos domésticos do que participando de algum outro ambiente que não seja o do lar e da família [...] Elas enfrentam diariamente as violências de várias formas, trabalhando e “pegando duro” no sol e na roça, cuidando da floresta, preservando os rios, a mata, os animais e sua comunidade.

Essa mentalidade que subjulga as mulheres, é um processo lento, mas que existe nas comunidades da Flona, abaixo vamos compreender melhor esses processos. Que se dá em volta de ações conjuntas com instituições parceiras, que dão suporte para as mulheres tomarem o protagonismo posteriormente destes processos.

2 DESENVOLVIMENTO

Por meio das pesquisas juntos às mulheres da Flona, Machado (2018a) verificou que, em muitas comunidades daquela Unidade de Conservação, as mulheres de fato viviam em uma situação de violência, exclusão e subjugação. A mentalidade patriarcal e machista impôs àquelas mulheres que seu lugar social seria o âmbito do privado, ou seja, os cuidados do lar, da roça e da família. Os outros espaços decisivos e importantes no ambiente comunitário eram restritos aos homens, que desconsideravam a participação das mulheres, bem como a importância do trabalho realizado por elas. Sem direito a uma participação plena no ambiente comunitário, as mulheres da Floresta Nacional de Tefé também não tinham direito à educação. Os muitos afazeres domésticos, os intensos cuidados para com a família e o trabalho oneroso na roça, além da proibição por parte dos seus companheiros, impediam as mulheres de terem acesso ao ambiente escolar, privando-as de uma formação intelectual. Segundo Machado (2018a, p. 24):

Muitas dessas mulheres não são alfabetizadas, sentindo-se despreparadas para enfrentar e reivindicar seus direitos bem como a participação política na comunidade, nas reuniões setoriais da Unidade de Conservação e nas Assembleias. É perceptível que, à medida que elas vão casando, a escola vai sendo deixada de lado e a casa se torna seu único espaço de participação.

Conforme salientamos acima, o não acesso aos ambientes educacionais silencia e cala a consciência crítica, não somente das mulheres, mas dos oprimidos como um todo. As mulheres da Floresta Nacional de Tefé, por não terem tido uma formação intelectual ou crítica, não tinham direito de participar das decisões importantes da comunidade. Elas eram impedidas não somente pelos homens, mas por uma postura de timidez, que naturalizava sua subordinação ou inferioridade diante de papéis ou espaços dominados pelos homens.

Em outras palavras, as mulheres achavam “normal” os homens assumirem espaços ou papéis relevantes dentro da dinâmica ou estrutura comunitária, como, por exemplo, a liderança de comunidades e associações, o protagonismo na organização de reuniões, encontros e assembleias. As mulheres da Flona, nesse sentido, se conformavam com sua condição de subalternas, na medida em que assumiam papéis de boas esposas e mães e aceitavam passivamente que seu espaço estava restrito ao lar e aos cuidados da roça, de acordo com Machado (2018a, p. 25). “As mulheres estão fora das decisões da comunidade uma e outra participam, e geralmente aquelas que já possuem filhos criados e que o seu trabalho em casa não é mais fundamental. Sua participação reduz-se ao lar e ao roçado, quando ‘deixado’ o ir à escola”.

No entanto, aos poucos, essa situação de subalternização das mulheres da Flona foi se transformando. A partir do ano de 2012, por meio de uma ação conjunta entre a universidade, instituições parceiras e representantes das mulheres da Flona, passou-se a organizar uma série de encontros formativos que deram início a um trabalho específico voltado para questões das mulheres na região. Esses encontros tiveram como objetivo provocar essas mulheres, fazer uma reflexão sobre a sua realidade social, conforme aponta Machado (2018b, p. 22-23):

As demandas levantadas pelo primeiro Encontro de Mulheres da Flona de Tefé em 2012 apontaram para o início de um trabalho específico voltado a questões das mulheres na região. Este foi o início do processo metodológico. Dentro desta perspectiva de encaminhamento e diálogo, foi-se conversar com as instituições que se



tornaram parceiras no intuito de garantir uma ação conjunta entre universidade e instituições públicas em torno da questão. *Somos Mulheres e Queremos Participar*, foi elaborado em quatro oficinas onde discutiram-se, junto de representantes das comunidades, os desejos, os desafios, as demandas a partir do qual se propôs um cronograma e algumas metas. A construção do projeto, portanto, deu-se coletivamente entre as instituições parceiras e representantes mulheres da Flona. As questões demandadas nestas discussões estão fortemente ligadas ao histórico de restrição das mulheres no espaço ligado exclusivamente à casa e ao roçado, o que é compreendido como um dos resultados na baixa participação de mulheres nos espaços comunitários da Flona.

O processo de emancipação dessas mulheres iniciou-se por meio de uma ação conjunta entre instituições locais em parceria com os moradores das comunidades da Flona. De acordo com Machado (2018b), o projeto denominado “Informação e Mobilização Produtiva de Mulheres da Floresta na Promoção de Autonomia por Meio do Estímulo à Prática Agroextrativista e Agroecológica na Perspectiva da Economia Feminista” foi realizado em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Conselho Nacional de Populações Extrativistas (CNS) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

O projeto foi inspirado na pesquisa denominada “Mulheres tramando contra a violência: a produção do conhecimento na ação simultânea do pensamento e da criação artesanal”, coordenada pela professora Edla Eggert entre os anos de 2005 e 2006. A pesquisa, bem como o projeto, teve como intenção realizar um trabalho em conjunto com as mulheres da Flona de Tefé, por meio de oficinas de trabalho, valendo-se do conhecimento artesanal que elas dominam, simultaneamente à discussão de temas relacionados com suas vivências e demandas contra a opressão masculina.

Desse modo, a libertação das mulheres da Flona pressupõe um trabalho educativo, tendo como base os princípios da educação popular. A educação popular tem por metodologia a intersecção entre educação e política. Desse modo, a construção da consciência do indivíduo, e aqui estamos na dimensão da política, parte de uma leitura crítica da sua realidade social. Essa leitura crítica da realidade é o ponto de partida para a emancipação e a libertação do indivíduo, pois ele passará a questionar estruturas e mecanismos de exploração antes tidos como normais. O conhecimento da realidade, que está no campo da educação política, pressupõe o diálogo,

pois, na educação popular, não se tem uma imposição do conhecimento, mas a construção mútua do conhecimento, na qual o educando é considerado o protagonista no processo da aprendizagem. “O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (Freire, 1987, p. 33). Na imagem a seguir, podemos perceber a mudança de percepção das mulheres no sentido da emancipação dessa mulher para além da comunidade. Esse espaço era onde as mulheres das comunidades não podiam pisar, muito menos para vender seus produtos. E uma das falas dona Edna, diz:

Jamais imaginei uma de nós aqui, dentro da UEA, trazendo, vendendo nossos produtos, falando sobre nossa vida, para esse monte de gente, e vocês prestando atenção, isso aqui para nós é importante, a gente se sente importante, e a Universidade é um lugar que é de direito nosso, dos nosso filhos.

Esta fala de dona Edna, emocionou muitas pessoas que estavam ali presente, prestando atenção na sua fala e de outras mulheres, e esse espaço de comunicação sobre as vivências das mulheres, as suas experiências das feiras de produtos agroecológicos, é um espaço de emancipação e de poder, um espaço que foi negado a essas mulheres e que agora está sendo retomado com o total direito a elas.

Figura 2 – Dona Edna na roda de conversa no CEST



Fonte: Projeto Feiras, 2023.



E a Universidade, abrir esse espaço para as mulheres venderem seus produtos de produção orgânica, abrir uma roda de conversa, para escutar essas mulheres, é uma simbologia que vivemos dias melhores.

Dessa forma, as oficinas e os encontros promovidos pelos idealizadores do projeto com as mulheres da Flona proporcionam o diálogo e a partilha entre as mulheres. Assim, as mulheres passaram a ter voz e vez em espaços que não permitiam sua participação. Machado (2018b) constatou que os encontros de formação e educação priorizavam a troca de ideias e experiências entre as mulheres participantes e as facilitadoras, tendo como foco principal a identificação e a discussão das principais dificuldades no dia a dia das mulheres extrativistas. Conforme apontamos anteriormente, essas mulheres historicamente foram submetidas a um processo de subalternização provindo de uma mentalidade patriarcal e machista, ainda presente nas comunidades amazônicas. Essa mentalidade condicionou historicamente as mulheres ao âmbito do lar e da roça, excluindo-as de participar de outros espaços importantes da vida comunitária. Tal mentalidade também produzia violências e violações contra essas mulheres, as quais, diante de uma cultura machista, preferiam se manter no silêncio reprodutor das injustiças e da morte.

Castro (2018, p. 59-62), ao fazer um estudo sobre a participação das mulheres nos encontros e nas oficinas na Floresta Nacional de Tefé, fez as seguintes constatações:

O que antes o espaço das mulheres era a cozinha, hoje a realidade transforma-se. Percebemos ao longo dos encontros a satisfação das mulheres em participar, expor suas opiniões enfrentando os próprios desafios em busca da sua organização, igualdade, participação política transformando as comunidades em que estão inseridas. [...] A participação voltada para questões dos direitos humanos e políticos das mulheres, e os envolvimento das mesmas, que lutam pelo reconhecimento de suas necessidades de atuar, participar, e ter acesso aos seus direitos, tanto as mulheres do campo quanto da cidade, no sentido dar vozes a elas.

Concordamos com Paulo Freire quando ele afirma que “Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmo, superando, assim sua ‘convivência’ como o regime opressor” (1987, p. 33). As mulheres da Flona, por meio da participação nos encontros e oficinas

formativas, aos poucos foram tomando consciência da sua realidade de opressão e marginalização.

As constatações feitas pelas pesquisadoras apontam para uma maior participação das mulheres, não somente no sentido da presença, mas no modo de se expressar e se posicionar nos encontros e oficinas. Se antes a participação das mulheres nesses espaços era tímida e reduzida, favorecendo a supremacia masculina, os encontros encorajaram as mulheres a partilhar suas experiências de vida e, ao mesmo tempo, denunciar sua realidade de opressão, bem como reivindicar seus direitos no ambiente comunitário. Por participação no ambiente comunitário, entendemos o seguinte: “Dessa forma, a participação significa comunicar, efeito de participar abrindo um mundo de possibilidades para a descoberta dos seus direitos, aprendendo sobre o mundo de diversas formas” (Machado, 2018a, p. 19). As mulheres da Flona, nesse sentido, entenderam que a sua não participação implicava a negação de um direito que tornava desigual a vida comunitária. Desse modo, para essas mulheres, a participação efetiva na comunidade foi importante, pois “a participação contribui nesse processo, pois as mulheres chegam a afirmar que a participação é um direito. E tudo parece assumir outro sentido para os sujeitos que pertencem às comunidades” (Machado, 2018a, p. 10). O direito à participação plena nas decisões e nos espaços na comunidade efetivou a conquista da cidadania por elas, o que reatualizamos com a ideia de florestania. O conceito de comunidade, como afirmamos anteriormente, está relacionado ao que é comum a todos.

No entanto, a não participação das mulheres produzia desigualdades e injustiças que afastavam as comunidades da Flona desse ideal de comunidade. A tomada de consciência a partir dos encontros/formação abriu caminho não somente para a conquista da cidadania pelas mulheres, mas para a construção de uma realidade social mais justa para todos. Esse fato aponta para a dinâmica do processo de emancipação do oprimido, ressaltado por Paulo Freire. Desse modo, a tomada de consciência da realidade de opressão e marginalização provinda de uma mentalidade patriarcal e machista emancipou as mulheres da Flona na luta contra os mecanismos de opressão e em direção a uma eventual transformação dessa realidade:

Portanto, nesse longo processo de educação das mulheres, dizemos: inacabado é que vamos tecendo as ações com vista à emancipação e à autonomia delas. A busca por emancipação faz todas as mulheres da Flona caminharem juntas construindo relações justas, e por conseguinte visando a igualdade com os homens, essa consciência já está



ampliada, as mulheres sabem que isso é necessário em suas comunidades. A educação está visando à emancipação das meninas e mulheres [...] A partir dessa reflexão, podemos dizer que as mulheres da floresta, como se intitulam, sentem-se prazerosas em fazer, de uma forma política e pedagógica, suas participações nos encontros de formação. Isso contribui para o processo de emancipação de ideias machistas e sexistas, interiorizadas por elas. As mulheres da floresta aprendem de uma forma didática sobre seus direitos e como lutar por eles, sobre a valorização da mulher, da mãe e da agricultura (Andrade; Machado, 2018, p. 46-50).

O movimento, de emancipação das mulheres da Flona, ressignificou o lugar e o papel da mulher no ambiente comunitário. Estas, desde crianças, recebiam uma educação que as preparava para ser uma boa dona de casa, esposa e agricultora, enfim, uma educação de como se comportar e ser mulher:

Desde pequenas as meninas são ensinadas como se comportar, o que vestir como falar e de várias outras formas como cruzar as pernas, aprendemos como ser mulher a partir do que nos é ensinado. Assim, somos ensinadas que nosso lugar é antes de tudo na esfera privada, cuidando dos filhos, casa e marido, sendo submissa aos homens [...]. Como algo destinado, esses ensinamentos, as forçam a seguirem tais funções domésticas. Assim, aprendem, como se comportar, o seu subjetivo e feminilidade é influenciada por sistemas de exploração e dominação, o sistema patriarcal (Andrade; Machado, 2018, p. 46).

Essa educação, que está presente na maioria dos lares brasileiros, bem como nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, produz a desigualdade, na medida em que privilegia papéis e funções masculinos. É comum, nesse sentido, por exemplo, dizer que fazer faxina, ou mesmo cuidar da capina da roça, é coisa de menina. Dessa forma, essa educação machista e patriarcal produz, para além da desigualdade, a subalternidade e a inferiorização da mulher. Seus papéis e funções no meio social são considerados como secundários e sem importância. Essa educação machista e sexista produz violência, na medida em que as mulheres que questionam tais padrões e estruturas são caladas e muitas vezes violentadas fisicamente. São muitos os relatos de violência física e até de mortes de mulheres que ousaram denunciar os crimes e injustiças gerados pela mentalidade patriarcal e machista. A fotografia abaixo exemplifica esta força das mulheres.

Figura 3 – As mulheres reunidas na casa comunitária



Fonte: Arquivo projeto feiras, 2019

Quando afirmamos que as mulheres da Flona, a partir dos encontros e oficinas de formação, ressignificaram seus lugares e papéis, estamos nos referindo às ações efetivas que estas realizaram nas suas comunidades. Se antes estavam restritas ao âmbito do privado, depois da participação nos encontros e oficinas, as mulheres passaram a assumir funções, cargos e papéis importantes na comunidade, antes exercidos pelos homens, conforme aponta Machado (2018a, p. 28):

Outra questão importante foi perceber que o envolvimento dessas mulheres nos eventos demonstra a satisfação que estavam sentindo em participar porque antes sequer imaginavam sair de suas casas, de suas comunidades. A participação das mulheres – que antes era apenas na cozinha – nas assembleias e nas Associações já se estende além – das plenárias e decisões, vemos também assumindo cargos da diretoria e conselheiras. No lugar de discursos tímidos, hoje enxergamos mulheres articuladas, programando-se coletivamente e tomando decisões importantes dentro das comunidades e qualificando suas vidas pela participação.

Conforme verificamos acima, os encontros/formação encorajaram as mulheres na luta pelo direito de participar. Tal poder não ficou só no discurso ou na teoria, mas se efetivou na prática. Desse modo, da cozinha dos encontros e assembleias, as mulheres passaram a estar à frente da organização desses eventos. Muito além da liderança nos encontros e assembleias, as



mulheres passam a criar e estar à frente das associações de mulheres e as de agricultores, antes encabeçadas somente pelos homens.

As mulheres da Flona tinham de forma adormecida ou germinada dentro de suas consciências a semente da libertação. Os encontros/formação despertaram as sementes da emancipação que, por sua vez, germinaram outras sementes em muitas consciências. Em outras palavras, as mulheres que reconhecem seus poderes e que são fortalecidas politicamente passam a ampliar os horizontes do movimento, reunindo mulheres das várias comunidades da unidade de conservação:

Não há dúvidas de que, comparado à situação de poucas décadas atrás, o grau de participação das mulheres melhorou. Percebe-se que as mulheres estão mais autônomas, se organizando para participar de eventos que antes nem imaginavam em participar, pois acontece fora do Estado em que moram, a participação das mulheres nas assembleias na associação “mãe” que antes era apenas na cozinha, hoje já se ver além de participar em plenárias, já vemos mulheres assumindo cargos da diretoria executiva da mesma o que antes era difícil de ver, onde os discursos eram tímidos, hoje vemos mulheres mais articuladas (Machado, 2018a, p. 34).

Os encontros proporcionaram o despertar da consciência de luta coletiva pelos direitos, bem como por melhores condições de vida. Nesse sentido, as mulheres iniciaram uma série de viagens para articulação e mobilização, com o objetivo de expandir a organização do movimento. As viagens formativas nas diversas comunidades da Flona se tornaram instrumentos eficientes dessa conscientização e desse poder feminino. Se antes o “pegar o leme”, ou seja, dirigir as canoas motorizadas, era uma função realizada somente pelos homens, agora as mulheres, nas suas viagens, assumiam o leme e a direção das embarcações. Em outras palavras, as mulheres passaram a ser protagonistas sociais ativas na construção da sua cidadania dentro do ambiente comunitário.

As mulheres da Flona também resignificaram seu trabalho, conforme afirmam Andrade e Machado (2018, p. 109):

As hortas se tornaram para essas mulheres um espaço de decisão e de enunciação acerca do que pensam sobre sua condição de mulher. Mediatizadas pela horta que as unem, as mulheres reúnem-se ali todos os dias, discutem sobre o que fazer e não fazer e o que futuramente pode ser feito, exercem seu próprio fazer político [...]. Com as decisões tomadas referentes à sua organização, sobre os horários para estarem na

horta, sobre quem comparecerá nos dias estabelecidos, as mulheres da floresta constroem uma autonomia autêntica do grupo [...]. As hortas contribuem para a autonomia do grupo. Hoje as mulheres veem as hortas como propriedade do grupo. E podem dizer que, nessa atividade, não vivem à sombra de seus maridos para a realização do trabalho, como antes era/é visto no seu roçado [...]. As mulheres articulam entre si suas hortas. É notável a preocupação dos grupos com as hortas de suas companheiras, estas sempre se comunicam nos encontros sobre as atividades realizadas nas hortas. As mulheres planejam e organizam os dias para cada atividade, também decidem todas reunidas os materiais necessários para sua estruturação.

Foi uma junção de ações (projetos) que se articularam com a vontade de acontecer das mulheres da Flona, essas ações ligadas a Universidade e outras instituições levou essas mulheres para além do principal papel que exerciam na comunidade, o de dona de casa. Para o papel de protagonismo das suas próprias ações dentro da comunidade. Nas fotografias a seguir, podemos ver o poder feminino na organização das hortas comunitárias e as vendas desses produtos no espaço das feiras.

A figura 4, dona Raimundinha explicando para os alunos da UEA, qual a função de cada semente que elas trouxeram da comunidade. Esse momento da troca de sementes, é um ato de partilha que as mulheres fazem entre elas, cada uma traz e troca com a mulher que não possui.

Figura 4 – Momento troca de sementes



Fonte: Projeto Feiras, 2021.



Na figura 5 Dona Raimundinha continua explicando as funções das plantas medicinais, para qual enfermidade aquela planta ajuda na cura, as mulheres com seus conhecimentos ancestrais, fazem essa troca com toda comunidade acadêmica que fica atenta com suas explanações. Na figura 6, é o momento de integralização das mulheres e a comunidade acadêmica.

Figura 5 – Momento trocas de sementes / plantas medicinais



Fonte: Projeto feiras, 2021.

Figura 6 – A integralização mulheres da floresta e a comunidade universitária



Fonte: Projeto feiras, 2021.

Neste visual das imagens, podemos perceber a reverência e importância que foi criada com muito esforço e luta das mulheres da floresta mesmo com sociedade e sua mentalidade patriarcal e machista subalternizou historicamente as mulheres da floresta, relegando-as ao âmbito do privado e inferiorizando seu trabalho. Em muitas regiões da Amazônia, as mulheres têm uma intensa jornada de trabalho, que vai dos cuidados do lar, passando pela educação dos filhos, ao cultivo e ao cuidado da roça, além do exercício do seu papel de esposa. No entanto, essa tripla jornada de trabalho não é reconhecida pela maioria dos homens de mentalidade sexista, que compreendem que o chamado trabalho “pesado”, ou seja, aquele feito por eles, se configura como o mais importante dentro da comunidade. De acordo com essa mentalidade machista, o trabalho “pesado” não pode ser realizado pelas mulheres por que “elas não têm força” nem capacidade para realizá-los. Às mulheres, é reservado o trabalho “leve”, ou seja, os cuidados do lar e da roça, que é ensinado às meninas desde pequenas. Muitas vezes, o trabalho feito pelas mulheres da floresta é compreendido como uma ajuda àquele realizado pelos homens, e podemos perceber que este pensamento está ultrapassado.

Siliprandi e Cardoso (2018) afirmam que, na agricultura, ecológica ou não, muitas das tarefas exercidas pelas mulheres (cuidar do quintal, cuidar dos pequenos animais, produzir doces, conservas e queijos) se confundem com o trabalho reprodutivo (cuidar da casa, cuidar dos filhos, cozinhar) e, por isso, são vistas apenas como “ajuda” ao trabalho masculino, este, sim, considerado como produtivo. O não reconhecimento do seu trabalho e de sua contribuição para a riqueza familiar e para o desenvolvimento comunitário é acompanhado, muitas vezes, da restrição do seu acesso às tomadas de decisão sobre a renda familiar e sobre o sistema produtivo da propriedade. Da mesma forma, esse não reconhecimento interfere na sua autonomia pessoal. E na contra mão deste pensamento machista, as mulheres da floresta, estão trazendo a sua própria visibilidade e autonomia, através das feiras, através de ações na Flona, de como o poder do movimento está nas suas próprias mãos, como intitulamos a figura abaixo, “a floresta que vai crescer”.



Figura 7 – A floresta que vai crescer



Fonte: Projeto feiras, 2021.

A partir da participação dos encontros/formação, as mulheres passaram a dar outro sentido, por exemplo, ao trabalho realizado nas hortas. As hortas para as mulheres da Flona passaram a ser lugares não somente do trabalho, mas de encontro, reflexão, partilha, organização e união. É nas hortas que as mulheres da floresta e dos rios planejam melhor a questão do trabalho, a vida individual e a coletividade. Se antes o trabalho na roça impedia as mulheres de exercerem sua autonomia, porque escondidas por detrás do trabalho dos homens, a partir de um processo de conscientização e formação políticas, a horta se tornou espaço de autonomia das mulheres. Desse modo, a partir das hortas, as mulheres da Flona passaram a organizar não somente o trabalho necessário para a sobrevivência, mas o seu próprio *fazer político*. O debate em comum permitia a participação e a inclusão de todas as mulheres no processo de organização das roças nas diversas comunidades da unidade de conservação, abrindo caminho para a questão da autonomia individual e do grupo, uma organização coletiva.

3 CONSIDERAÇÕES

O direito à participação plena na comunidade permitiu às mulheres da Flona a construção da autonomia determinante para a emancipação individual e coletiva. A partir desta conquista, as mulheres passaram a exercer um protagonismo que sempre esteve presente, mas que era negligenciado pelo pensamento patriarcal e machista reprodutor de preconceitos e injustiças sociais. O protagonismo das mulheres da Flona se concretizou com a questão da participação nos encontros, com a ocupação dos espaços decisivos na comunidade, nas organizações e associações, bem como nas feiras agroecológicas.

Estes espaços que foram subsidiados por instituições parceiras, foi o caminho traçado para que as mulheres tomassem os protagonismos destas ações, principalmente os caminhos das feiras, onde é feito por elas, e para elas, onde as tomadas de decisões são pautas sérias e discutidas em reuniões, reuniões essas pautadas no respeito, na alegria e na força de ser mulher da floresta, que agora não como só a dona de casa, mas também agora agricultora de produtos orgânicos, hortas feitas e cuidadas só por mulheres, foi um sonho que se tornou realidade, pelo poder da organização.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Êmila da Silva; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Mulheres da Floresta: dizendo sua palavra autonomia, participação e emancipação. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; GAMA, Aildo da Silva (Org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018.

CASTRO, Zila Silva de. A participação das mulheres da Floresta Nacional de Tefé: história, poder e lutas. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; GAMA, Aildo da Silva (Org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Participação comunitária: a promoção da segurança e da liberdade. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Participação**: interfaces do Norte e Sul do Brasil. São Leopoldo, RS: Karywa, 2018a.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. A realidade socioeconômica das mulheres da FLONA de Tefé. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; GAMA, Aildo da Silva (Org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018b.



SILIPRANDI, Emma; CARDOSO, Elizabeth Maria. Aprendendo a ouvir as mulheres: ferramentas feministas para o planejamento agroecológico. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; GAMA, Aildo da Silva (Org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018.

COMO CITAR - ABNT

BARBOSA, Marcela da Silva; MACHADO, Rita de Cássia; MARINHO, Hemily Pastanas; CASTRO, Zila Silva de. Emancipação no coração da Amazônia: movimento das mulheres da Flona de Tefé – Amazonas. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 22, n. 36, e24041, jan./dez., 2024. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v22.n36.4173>

COMO CITAR - APA

Barbosa, M. da S.; Machado, R. de. C.F.; Marinho, H.P.; Castro, Z.S. (2024). Emancipação no coração da Amazônia: movimento das mulheres da Flona de Tefé – Amazonas. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 22(36), e24041. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v22.n36.4173>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 29 de julho de 2024.

Aprovado: 15 de agosto de 2024.

Publicado: 31 de dezembro de 2024.
